



GERONTOGEOGRAFIA: DESCONSTRUINDO ESTERÓTIPOS SOBRE O ENVELHECIMENTO

Lilian Francisca da Silva Oliveira Schüller ¹

Nelcionei José de Souza Araújo²

Vivian Aguiar Maia Façanha ³

RESUMO

O artigo aborda a importância da inserção do tema do envelhecimento no ambiente escolar, enfatizando a necessidade de desconstruir estereótipos sobre a Pessoa Idosa por meio da educação. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Manaus e utilizou metodologia qualitativa, combinando pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com aplicação de questionários e entrevistas a professores e alunos. Fundamentada no Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741/03), a proposta destaca a obrigatoriedade da abordagem do envelhecimento nos currículos escolares como forma de promover o respeito, o conhecimento e a valorização da Pessoa Idosa, com ênfase nas aulas de Geografia. A análise revelou que, embora haja respaldo legal, a temática ainda é pouco explorada nas escolas e enfrenta resistência por parte de alguns docentes. Ainda assim, ações foram implementadas por professores de diferentes áreas como Geografia, Língua Portuguesa, Biologia, Educação Física e Arte. O estudo defende a Gerontoeducação/Gerontogeografia como ferramenta essencial para promover o diálogo intergeracional, valorizando a velhice como parte natural da vida e ampliando a compreensão sobre a Geografia do Envelhecimento. Assim, a escola se apresenta como espaço privilegiado para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e sensível às diferentes gerações.

Palavras-chave: Gerontoeducação, Geografia, Pessoa Idosa.

ABSTRACT

The article addresses the importance of including the topic of aging in the school environment, emphasizing the need to deconstruct stereotypes about older adults through education. The research was conducted in a public school in Manaus and used qualitative methodology, combining bibliographic, documentary, and field research with questionnaires and interviews with teachers and students. Based on the Statute of the Elderly (Law 10.741/03), the proposal highlights the obligation to address aging in school curricula as a way to promote respect, knowledge, and appreciation for the elderly, with an emphasis on geography classes. The analysis revealed that, although there is legal support, the theme is still little explored in schools and faces resistance from some teachers. Even so, actions have been implemented by teachers from different areas such as Geography, Portuguese Language, Biology, Physical Education, and Art. The study advocates Gerontogeography as an essential tool for promoting intergenerational dialogue, valuing old age as a natural part of life, and broadening understanding of the Geography of Aging. Thus, schools present themselves as a privileged space for building a more just, inclusive, and sensitive society for different generations.

Keywords: Gerontology, Geography, Elderly People.

¹ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, lilianoliveira.h@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor – Universidade Federal do Amazonas – UFAM, nelcionei@ufam.edu.br.

³ Mestranda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, vivian.aguiar38@gmail.com.



INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “Gerontoeducação: desconstruindo esterótipos sobre o envelhecimento” busca investigar o papel da Pessoa Idosa no contexto educacional, com ênfase no ensino de Geografia. O trabalho parte da constatação de que a questão do envelhecimento é pouco discutida no ambiente acadêmico e escolar, especialmente no Brasil, onde a população idosa vem crescendo significativamente, por conta da transição demográfica, evento esse que vem ocorrendo no mundo.

A pesquisa propõe uma análise geográfica da experiência de envelhecer, e como esse envelhecer é visto e sentido pelos docentes e discentes. A justificativa se baseia na necessidade de quebrar estereótipos e preconceitos associados ao envelhecimento, sugerindo a inclusão de discussões sobre a velhice como tema transversal nos currículos escolares, conforme prevê a Lei 10.741/03 (Estatuto da Pessoa Idosa), também se pretende identificar como os docentes trabalham o tema em sala de aula e a percepção dos estudantes sobre o envelhecimento, assim como a apresentação de propostas de atividades para serem trabalhadas com o tema.

Os primeiros estudos relacionados à Geografia do envelhecimento aparecem no início do século XX, o que geralmente é identificado como período de constituição da Geografia Social estavam relacionados aos estudos regionais e culturalistas realizados pela Geografia Humana Clássica, trazendo à luz do conhecimento geográfico questões relacionadas à distribuição e à localização, no espaço, dos fenômenos sociais, tendo como grande referência a sociedade como ponto de partida da organização espacial (Nóbrega, 2020, p. 45).

No Brasil não há uma tradição de estudar o envelhecimento sob uma perspectiva geográfica (Nóbrega, 2017, p. 40). Ao realizar pesquisas para a elaboração do projeto, foi feita uma busca em periódicos, dissertações e teses na área de Geografia da Capes. Foi possível observar a ausência de estudos sobre a Geografia do Envelhecimento, ramo que busca investigar as principais políticas públicas, infraestrutura e contexto social voltados para a Pessoa Idosa. Até o presente momento, existe apenas um único livro no Brasil, escrito por um geógrafo, sobre Geografia do Envelhecimento, Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega, publicado em 2020, com o título: Geografia do Envelhecimento – algumas questões para o debate.

Essa observação evidencia uma lacuna significativa na pesquisa e literatura sobre a Geografia do Envelhecimento no Brasil. O reconhecimento dessa ausência pode ser uma oportunidade importante para direcionar estudos futuros e influenciar políticas públicas voltadas para a população idosa, assim como medidas educacionais para que a Pessoa Idosa



venha ser trabalhada em sala de aula como temas Contemporâneos Transversais, organizados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e também como previsto no art.º 22 da Lei 10.741/03 do Estatuto da Pessoa Idosa.

O envelhecimento, aparece como uma emergência do pensamento contemporâneo. Faz-se urgente aprofundar reflexões sobre o envelhecimento e sua condição geográfica a fim de superar os limites teóricos e práticos associados ao pensamento e ao conjunto das ações relacionados à velhice (Nóbrega, 2017, p. 35).

Uma educação que se estrutura na diversidade e na “defesa de direitos de grupos sociais discriminados” (Brasil, 2007, p. 51) dá valor à diferença etária, considerando-a como parte importante de uma convivência respeitosa e solidária. Garanti a equidade geracional implica reconhecer igualmente, o direito de cada uma das pessoas de diferentes idades. O respeito e a valorização da Pessoa Idosa, de forma a eliminar qualquer tipo de preconceito e a produzir conhecimento sobre o tema, precisa ser nosso legado às gerações seguintes e o que espera que tenha continuidade (Todaro; Cachioni, 2002, p. 16).

A metodologia combina pesquisa bibliográfica, documental e de campo, com entrevistas e questionários aplicados a professores e alunos de uma escola pública em Manaus – E.E.T.I Marcantonio Vilaça II/ 2ºCMPM. O estudo utiliza uma abordagem qualitativa, com o objetivo de promover uma reflexão crítica sobre o envelhecimento como uma questão social e educativa. A pesquisa defende que a escola é um espaço propício para promover o diálogo intergeracional, oferecendo uma oportunidade para que os alunos compreendam o envelhecimento como um processo natural, e sugere a implementação de atividades práticas que integrem o tema "Pessoa Idosa" nas disciplinas escolares, de forma interdisciplinar. É relevante para ampliar a compreensão sobre a Geografia do Envelhecimento e sua importância no contexto educacional brasileiro, promovendo uma visão mais inclusiva e humanizada do envelhecimento na sociedade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como meios de investigação um trabalho bibliográfico, uma vez que sua temática está ligada a outras áreas do conhecimento como a Gerontologia e a Educação além do próprio suporte teórico relacionado à Geografia no que diz respeito ao estudo do espaço urbano.



Foi definido como um dos instrumentos de coleta de dados um formulário com a finalidade de construir o perfil dos sujeitos investigados (docentes e discentes). Além disso, foi realizada uma entrevista semiestruturada que permitiu obter informações relacionadas à problemática central. A técnica testemunho foi usada como fonte de obtenção das informações, pois “[...] permite a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de suas representações, crenças, valores, opiniões, sentimentos, esperanças, desejos, projetos, etc.” (Laville; Dionne, 1999, p. 183).

Com a finalidade de conhecer e analisar como a Pessoa Idosa está sendo trabalhada como tema central em sala de aula, foi feito o uso da abordagem qualitativa.

Considerando a pesquisa qualitativa, Minayo (2010) esclarece que está se ocupa, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Em outras palavras, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Enfatizando em seu discurso que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes” que correspondem a uma espaço mais profundo das relações.

Outro método que foi utilizado na pesquisa e estará implicitamente presente é a observação do pesquisador como participante.

Segundo Minayo (1994):

A técnica de observação do participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que o observado diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo da vida real (Minayo, 1994, p. 59).

A pesquisa também apresentará uma base de dados quantitativos, uma vez que trabalhará com levantamentos de dados censitários populacionais acerca da Pessoa Idosa, por meio de dados oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Partindo do princípio de que é essencial criar ambientes propícios para trabalhar o tema da Pessoa Idosa, a escola se apresenta como o espaço mais justificável para essa abordagem. A escola desempenha um papel social crucial, pois oferece um ambiente que facilita a interação, promove o aprendizado e incentiva a reflexão sobre a realidade. Nesse contexto, a escola estimula a troca de experiências e tem o potencial de incentivar crianças e adolescentes a adotarem uma postura ativa diante do processo de viver e envelhecer.



Para Doll (2008), informações sobre o envelhecimento são fundamentais e devem ser fornecidas já durante a fase escolar para ajudar a compreender a vida humana na sua inteira extensão, incluindo possibilidades de vida significativa em cada fase e para nos preparar para uma sociedade em que as pessoas em todas as idades podem viver como cidadãos, com dignidade e atendidas em suas necessidades.

A pessoa idosa e os desafios no processo educacional

Segundo Beauvoir (2018) e Neri (1991) a uma dificuldade em definir uma imagem única da velhice ao longo da história. As representações da velhice são variáveis, incertas, confusas e contraditórias, o que indica que essa imagem muda conforme o tempo, a cultura e o lugar. Em outras palavras, não há uma compreensão única e definitiva sobre o que é a velhice. Essa perspectiva reforça a ideia de que a velhice é uma construção social, formada a partir de interpretações culturais e sociais diversas.

Trabalhar com a Pessoa Idosa no processo educacional nos leva a um campo interdisciplinar, no qual diferentes áreas do conhecimento se entrelaçam para proporcionar uma abordagem integral e eficaz.

Enfrenta-se um desafio importante, que é impulsionar a educação a partir de uma perspectiva que a veja como mediadora e promotora do potencial de todas as idades, considerando o desenvolvimento humano como um todo (Gonçalves, 2007, p. 17). A nova cultura educacional busca integrar e complementar as aprendizagens formais, não formais e informais, reconhecendo que estas não devem ser confinadas a um único espaço ou limitadas a uma determinada fase da vida. Em vez disso, a educação deve ser contínua e adaptável, acompanhando o indivíduo ao longo de todas as etapas de sua existência (Santa Catarina, 2022, p. 39).

No contexto brasileiro, a ideia de que os idosos representam um problema social também vem sendo construída pelo próprio Estado. Desde 1994, com a criação da Política Nacional do Idoso (PNI), promulgada pela Lei nº 8.842, o Estado buscou assegurar, por meio do artigo 1º, os direitos sociais desse grupo, estabelecendo condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Entre outras regulamentações, a PNI inclui a criação do Conselho Nacional do Idoso, responsável por impulsionar a implementação dessa política (Brasil, 2003).



Com o surgimento da Gerontologia Educacional, elementos mais explícitos da ação educativa passaram a integrar as atividades dirigidas aos idosos, fazendo surgir, por exemplo, o movimento das universidades e das escolas voltadas para a terceira idade (Doll, et al., 2015, p. 11).

É fundamental refletir sobre a necessidade de uma Educação para o Envelhecimento, especialmente considerando a rapidez com que esse processo ocorre e a complexidade das transformações econômicas, culturais e tecnológicas que o acompanham. É essencial compreender que o envelhecimento é um processo natural e irreversível da vida, mas também reconhecer que as pessoas idosas possuem muito a ensinar e a contribuir para a sociedade. Para isso, é imprescindível combater os estereótipos e o medo associados ao envelhecer.

Dessa forma, torna-se necessária a inclusão de temas relacionados à educação para o envelhecimento em todas as etapas do processo educativo. As projeções estatísticas indicam que a população será cada vez mais longa e heterogênea, reforçando a importância de preparar as futuras gerações para lidar com essa realidade de forma consciente e respeitosa.

Onde encontramos a Gerontogeografia/ Geografia do Envelhecimento nesse contexto?

Nesse contexto, surge um grande desafio para o diálogo futuro entre a Gerontogeografia/ Geografia do Envelhecimento: superar o conceito de população como mero parâmetro para mediar as reflexões sobre o envelhecimento. O debate precisa se ampliar para incluir uma abordagem mais abrangente, reafirmando o papel privilegiado da Geografia em ir além da simples descrição e interpretação de dados. Trata-se de revelar como o envelhecimento participa da produção do mundo — da sociedade, do espaço e da vida — em constante transformação (Nóbrega, 2020, p. 71).

É essencial que os números relacionados à população idosa se convertam em histórias de vida, dotadas de significado e profundidade. Apenas ao conferir dramaticidade e sentido a esses dados será possível fomentar reflexões mais profundas e relevantes, contribuindo de forma mais significativa para o entendimento do envelhecimento como um fenômeno complexo e dinâmico (Nóbrega, 2020, p. 71). Dessa maneira, torna-se essencial aproximar-nos da Educação para o Envelhecimento, rompendo com abordagens meramente descritivas e estatísticas ao tratar da pessoa idosa no ambiente escolar. É necessário adotar práticas pedagógicas que valorizem a profundidade do tema, promovendo reflexões que desafiem estereótipos e revelem a riqueza das experiências e contribuições dos idosos para a sociedade.



O geógrafo, ao se dedicar ao estudo do envelhecimento, deve aprofundar-se no entendimento das relações dos idosos com o espaço geográfico, ou seja, com os lugares onde ocorre a vivência cotidiana. Esse conhecimento permite que o geógrafo atue como mediador em conflitos, contribua para a resolução de problemas espaciais de ordem prática e ajude a superar fragilidades que afetam a qualidade de vida dessa população (Nóbrega, 2020, p. 71).

Embora atualmente haja uma crescente preocupação com o processo de envelhecimento no âmbito educacional, a Geografia ainda não superou os moldes tradicionais ao abordar o tema em sala de aula. O trabalho permanece centrado em dados do censo, transição demográfica e explicações das teorias populacionais, o que é refletido nos livros didáticos⁴ (Figuras 1, 2) utilizados na escola Marcantonio Vilaça II - 2º CMPM. Essa abordagem evidencia o distanciamento do geógrafo em compreender o processo de envelhecimento em sua totalidade, indo além de números e estatísticas, e explorando suas dimensões sociais, culturais e espaciais de forma mais profunda e contextualizada.

Figura 01. Conteúdo – 2ª série do Ensino Médio – Estrutura e distribuição Populacional



Fonte: SAS, 2024.

⁴ Coleção Sistema Ari de Sá – SAS. PINHATA, João Eduardo Watanabe. Livro Integrado: 2ª série – João Eduardo Watanabe; Carlos Eduardo Gois Ribeiro de Lavor, Georgina Fabiana Mendes Marinho (org.). – 3 ed. Fortaleza: Companhia brasileira de Educação e Sistemas de Ensino S. A., 2024. (Coleção Integrada). 872 p.:il. Color. V. 3. ISBN 978-65-5856-914-5 (CL).



Figura 02. Conteúdo – 3ª série do Ensino Médio – Teorias Demográficas



Fonte: SAS, 2024.

Introduzir a reflexão e o debate sobre o processo de envelhecimento nas escolas representa uma oportunidade valiosa para compreender as múltiplas dimensões que envolvem esse fenômeno e a velhice. Essa abordagem promove a troca de experiências, a discussão de estudos e pesquisas e contribui significativamente para a formação cidadã dos estudantes. Além disso, abre caminho para a construção de um novo paradigma sobre a velhice, ampliando as perspectivas e desafiando estereótipos arraigados (Albuquerque; Cachioni, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível evidenciar que o envelhecimento ainda é tratado, principalmente, com dados estatísticos e demográficos nos materiais didáticos de Geografia. Tal limitação, é observada tanto nos livros didáticos utilizados na E.E.T.I Marcantonio Vilaça II – 2º CPM quanto nos relatos docentes, reforça o distanciamento entre a experiência vivida da Pessoa Idosa e sua representação no espaço escolar. Em outras palavras, a velhice é muitas vezes reduzida a



números, quando, na verdade, deveria ser entendida como um fenômeno social, cultural e espacial carregado de significados.

As entrevistas e questionários apontam para uma percepção ambígua: professores reconhecem a relevância do tema, mas sentem dificuldades em inseri-lo no cotidiano da sala de aula. Parte disso decorre da falta de preparo e da ausência de referências bibliográficas específicas na Geografia, evidenciada pela lacuna de produções acadêmicas brasileiras na área da Gerontogeografia. Tal carência, ao mesmo tempo que limita as práticas docentes, revela-se como uma oportunidade promissora para o avanço de pesquisas inovadoras e interdisciplinares.

Do ponto de vista discente, constatou-se uma curiosidade latente em relação ao tema, mas também a reprodução de estereótipos enraizados — a velhice como sinônimo de incapacidade, doença ou improdutividade. Essa contradição reflete não apenas o imaginário social, mas também a ausência de debates sistematizados sobre o envelhecimento no currículo escolar. Ao não reconhecer a Pessoa Idosa como agente ativo da sociedade, a escola contribui, ainda que involuntariamente, para a manutenção de preconceitos e invisibilidades.

Nesse contexto, a pesquisa abre espaço para uma reflexão criativa: se os números do IBGE representam milhões de vidas, como convertê-los em narrativas significativas no espaço da sala de aula? A resposta parece residir na valorização do testemunho, da memória e da experiência. As entrevistas mostraram que, quando a Pessoa Idosa é lembrada não como estatística, mas como avó, vizinho, líder comunitário ou trabalhador aposentado, o discurso se humaniza, e o aprendizado se torna mais próximo e crítico.

A discussão evidencia, portanto, que a escola pode se constituir como espaço privilegiado para a Educação para o Envelhecimento, articulando diferentes saberes de forma interdisciplinar. A Geografia, em especial, ao compreender o envelhecimento como fenômeno espacial, tem a possibilidade de revelar como idosos produzem, transformam e são transformados pelos lugares em que vivem. Essa abordagem rompe com a ideia da velhice como problema social e abre caminhos para um novo paradigma: o da velhice como potência, memória viva e possibilidade de diálogo intergeracional.

Por fim, os resultados reforçam a urgência de repensar o papel do ensino de Geografia no enfrentamento de estereótipos. Mais do que números em tabelas ou curvas de pirâmides, a velhice precisa aparecer como vida em movimento. Nesse sentido, cabe à escola assumir o compromisso de não apenas ensinar sobre envelhecimento, mas ensinar com o envelhecimento, fazendo dele um tema transversal, vivo e transformador, conforme preveem a BNCC e o Estatuto da Pessoa Idosa.

Partindo do pressuposto anteriormente apresentado, foi possível desenvolver atividades interdisciplinares no ambiente escolar. Entre elas, destaca-se a aula de Geografia interativa, na qual os discentes vivenciaram, de forma prática, algumas perdas associadas ao envelhecimento biológico, como a redução da audição, da visão e do tato. Assim, os alunos participaram da aula enfrentando os desafios propostos, o que possibilitou maior compreensão e sensibilização em relação às limitações enfrentadas pela Pessoa Idosa (Figuras 03, 04 e 05).

Figura 03. Aula Interativa



Fonte: Lilian Schüler, 2024



Figura 04. Dificuldade na visão – Aula de Geografia



Fonte: Lilian Schüller, 2024

Figura 05. Dificuldade no tato – Aula de Geografia



Fonte: Lilian Schüller, 2024

Outra atividade relevante ocorreu em parceria com o professor de Língua Portuguesa, em que os estudantes produziram um conto que representava a Pessoa Idosa como super-herói, rompendo com estereótipos negativos e ressaltando sua força, sabedoria e protagonismo social (Figuras 06 e 07). Além disso, os alunos elaboraram uma receita inspirada em preparações culinárias de seus avós, valorizando a memória afetiva e a transmissão de saberes entre gerações (Figuras 08 e 09).



Figura 06. Receita: Chá anti-inflamatório

Chá anti-inflamatório



Ingredientes

5 Jucá	
3 Carapanaúba	
Casca de laranja	
1L de água	

Modo de preparo

1. Colocar 1L de água em um recipiente.
2. Em seguida, colocar os ingredientes dentro do recipiente que estará a água.
3. Tampar o recipiente e deixar assim de um dia para o outro.
4. Estará pronto para beber e aliviar suas dores estomacais.

Fonte: Lilian Schüler, 2024

Figura 07. Receita: Bolo de Chuva

Bolinho de chuva



Ingredientes

2 Ovos	1 Colher de fermento
1 Xícara de leite	Açúcar e Canela para polvilhar
2 Xícara de trigo	
1 Xícara de açúcar	

Modo de preparo

Em um recipiente coloque os ovos, o açúcar e misture bem, depois adicione o leite, o fermento e o trigo (aos poucos) e mexa até ficar homogêneo. Aqueça o óleo em uma panela, com a ajuda de duas colheres derrame a massa em quantidades pequenas. Com o auxílio de uma escumadeira retire do óleo e tire o excesso com papel toalha. Em outro recipiente adicione o açúcar e a canela, e despeje os bolinhos. Agora é só servir!

Fonte: Lilian Schüler, 2024

Figura 08. Conto: O Senhor cura dores

O "senhor cura dores"

Era uma vez, em uma cidade pequena, um senhor que era muito conhecido pelos moradores da cidade. Seu nome era Gilberto. Era citado, por muitos, como o "senhor cura dores". Arrisco dizer que era o senhor mais conhecido daquela cidade. Com seus supostos poderes, ele realizava milagres que até então a população daquela cidade não entendia de onde vinha tanta supremacia de um velho senhor.

Em uma certa noite, passava pelas ruas daquela pequena cidade um jovem estudante de medicina, cujo nome era Albert. Ultimamente, Albert sofria muito com intensas dores musculares. Sua rotina não era a mais tranquila, e por isso ele forçava seus músculos, realizando trabalhos intensos.

Ouvido falar de seu Gilberto, o procurou com a intenção de aliviar suas dores. Andou e procurou, até que ele chega em frente da casa de seu Gilberto, ele bate a porta, seu Gilberto abre surpreso, mas atencioso como sempre. Ele pergunta:

- Boa noite! O que lhe trás aqui, meu rapaz?

Fonte: Lilian Schüler, 2024

Figura 09. Conto: Zilma e o jardim dos milagres

Zilma e o Jardim dos Milagres

Zilma tinha 73 anos, mas sua energia e vitalidade faziam-na parecer muito mais jovem. Morava em uma pequena cidade, onde todos a conheciam e admiravam. Desde jovem, Zilma sempre teve um coração generoso e uma sabedoria que transcendia sua idade. Mas foi apenas em seu aniversário de 73 anos que ela descobriu um poder especial.

Naquela manhã, ao acordar, Zilma sentiu algo diferente. Ao tocar uma planta murcha na janela, ela viu a planta reviver instantaneamente, florescendo com uma beleza vibrante. Assustada e maravilhada, Zilma percebeu que tinha o poder de curar e revitalizar a natureza com um simples toque.

Decidida a usar seu poder para o bem, Zilma começou a caminhar pela cidade, tocando árvores, flores e jardins. Em pouco tempo, a cidade inteira estava transformada em um paraíso verdejante. As pessoas começaram a notar e mudança e a perguntar a Zilma sobre seu segredo. Ela, com um sorriso gentil, apenas dizia que a natureza respondia ao amor e ao cuidado.

A notícia do poder de Zilma se espalhou rapidamente, e logo ela foi convidada para outras cidades e vilarejos. Onde quer que fosse, Zilma levava vida e esperança. As florestas desmatadas começaram a se regenerar, os rios poluídos voltaram a ser cristalinos, e as colheitas, antes escassas, tornaram-se abundantes.

Mas Zilma sabia que seu poder não era apenas para curar a natureza. Ela começou a ensinar as pessoas sobre a importância de cuidar do meio ambiente, de respeitar a terra e de viver em harmonia com a natureza. Sua mensagem era simples, mas poderosa: "A natureza nos dá tudo o que precisamos, mas devemos cuidar dela com amor e respeito."

Com o tempo, a influência de Zilma se espalhou pelo mundo. Governos começaram a implementar políticas ambientais mais rigorosas, empresas adotaram práticas sustentáveis, e as pessoas, inspiradas pelo exemplo de Zilma, começaram a fazer pequenas mudanças em suas vidas diárias para proteger o planeta.

Zilma viveu muitos anos mais, sempre com o mesmo entusiasmo e dedicação. E quando finalmente partiu, deixou um legado de amor e respeito pela natureza que continuou a inspirar gerações. Seu poder, embora extraordinário, era apenas um reflexo de seu coração generoso e de sua crença inabalável de que cada um de nós pode fazer a diferença.

E assim, a pequena cidade onde Zilma vivia tornou-se um símbolo de esperança e renovação, lembrando a todos que, com amor e cuidado, podemos transformar o mundo.

Dedicado com amor e carinho à minha querida avó, Zilma de Carvalho Valente ou simplesmente Zilma, a qual nos deixou em julho deste ano de 2024.

Fonte: Lilian Schüler, 2024



Essas experiências mostraram-se eficazes para aproximar os jovens da realidade do envelhecimento, promovendo empatia, respeito e valorização da Pessoa Idosa no espaço escolar, além de fortalecer a perspectiva interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou a urgência em inserir o envelhecimento como tema transversal no contexto escolar, especialmente no ensino da Geografia, visto que o Brasil vem de encontro com a tendência mundial do envelhecimento populacional. Ao articular teoria, pesquisa de campo e atividades práticas interdisciplinares, foi possível constatar que, embora a questão da Pessoa Idosa ainda esteja ligada a dados estatísticos nos materiais de dados, existe um campo vasto para a construção de novas narrativas e experiências educativas, assim como a transformação dos dados em informações.

As atividades desenvolvidas, mostram importantes estratégias para romper com visões esterotipadas de forma negativas. Essas experiências, permitiram que os alunos pudessem reconhecer a Pessoa Idosa como sujeito ativo e parte integrante da sociedade.

Assim, é possível reafirmar que a escola é um espaço importante para o diálogo intergeracional e a promoção de uma educação mais inclusiva. A integração entre os conteúdos curriculares amplia não apenas o aprendizado, mas também estimula o compreender o envelhecimento como um processo natural e individual.

Desta forma, cabe aos educadores e professores superar a visão esterotipada negativa e limitada sobre o envelhecimento e seu processo e superar também a ideia de que essa fase da vida seria um “problema social” e trazer novas discussões capazes de enriquecer o processo educativo. O desafio que vem sendo colocado é dar continuidade a essas experiências, ampliando a presença da Pessoa Idosa no currículo escolar e fazendo o cumprimento da Lei 10741/03, trazendo uma cultura de respeito e equidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Marília Silva de; CACHIONI Meire. Pensando a gerontologia no ensino fundamental. **Revista Kairós Gerontologia**. V. 16, N. 5, P. 141 – 163, SET. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em: 25/04/2025.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Lei 10.741. Brasília: Diário Oficial da União. nº 192, 3 de outubro de 2003.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Política Nacional do Idoso**. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Brasília: Diário Oficial da União, 5 de janeiro de 1995.

DOLL, Johannes. Educação e Envelhecimento - fundamentos e perspectivas. **A Terceira Idade**, SESC São Paulo, v. 19, p. 7-26, 2008.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. Apresentação: Educação e Envelhecimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9 – 15, jan/mar. 2015. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acessado em: 02/08/2024.

GONÇALVES, Lúcia Hisako Takasse. O campo da gerontologia e seus desafios. **Revista Saúde.Com**, v. 3, n. 1, 12 – 19. 2007. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/87/62>. Acesso em: 19 de jul de 2024.

LAVILLE, Christian; DIONE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências sociais**. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 1999.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: Significado de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Geografia do Envelhecimento – algumas questões para o debate**. 1ª Ed. Curitiba: CRV, 2020.

TODARO, Mônica Ávila; CACHIONI, Meire. Envelhecimento como tema transversal na educação básica. **Revista Teias do Conhecimento**, Vol. 1; nº 1, 2021. p. 9-25. ISSN: 2763-6739.

SANTA CATARINA. **Secretaria de Estado da Educação. Política de Educação para o Envelhecimento**. Florianópolis, SC: Secretaria de Estado da Educação, 2022.